

“QUAL CURRÍCULO DAQUI?” INTERROGAÇÕES DOCENTES E PROVOCAÇÕES DAS PRÁTICAS CURRICULARES COTIDIANAS

“Qual o currículo daqui?” Era a pergunta feita por grande parte das professoras recém-convocadas de um concurso público, ao chegarem em uma unidade de Educação Infantil. De imediato, a pergunta se funde à minha história enquanto professora e pesquisadora, uma vez que essa havia sido a pergunta que eu também fizera anos atrás, ao ingressar na Educação Infantil. Entre conversas e lembranças, tem origem uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual tem por objetivo investigar sentidos atribuídos por nós, professoras, às práticas propostas com crianças de 2 a 5 anos de idade, tendo como foco da investigação as narrativas docentes.

Importante destacar que nem sempre foi aceita a ideia da existência de currículos na Educação Infantil, uma vez que o termo trazia consigo o conceito da escolarização, nos moldes do Ensino Fundamental e Médio, logo, entendido como algo que deveria ser evitado. No entanto, dentre os documentos legais que apontam para a existência dos currículos, destaco, em especial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) que, ao serem revistas em 2009, definem os currículos em seu Art 3º como conjuntos de práticas que articulam os saberes e conhecimentos das crianças com os conhecimentos diversos que possibilitem o desenvolvimento integral das mesmas.

Entendo que os currículos são produzidos nos cotidianos, em um movimento vivo, que dialoga com a definição de currículo nos termos das DCNEI. Nesse sentido, consideram-se as vivências, os

conhecimentos das professoras – que se tecem com seus pares, com as crianças, com o meio, com as famílias – dos modos em que as crianças vão se reconhecendo como sujeitos históricos, demandando tempo, estudo e condições de trabalho, bem como espaços que acolham as singularidades.

Considerando que “somos formados e nos formamos em redes de conhecimento e significações” (ALVES; SANTOS, 2016, p. 375), entendo que quando adentramos nas instituições como professores, mobilizamos tais redes. No entanto, alguns pressupostos e práticas tradicionalmente presentes em nossa formação serão, provavelmente, questionados. Mantovani (2014) alerta que uma relação de conhecimentos e de habilidades referentes ao desenvolvimento humano, esperados para cada faixa etária, por exemplo, não é suficiente, sendo necessário conhecer a criança em suas relações fora do contexto familiar, nesse caso, na instituição que a recebe. Logo, “o educador pode chegar a ter uma série de conhecimentos sobre a criança em geral, mas deverá encontrar novas modalidades para criar para si uma experiência e um papel numa situação concreta e nova” (MANTOVANI, 2014, p. 31).

Nas conversas com as professoras, percebia que elas demandavam um “direcionamento” para um currículo que sugeriria uma percepção de que os currículos seriam pensados e propostos por gestores ou por políticas públicas. Ou seja, a ideia de currículo como documento ou proposta produzida por um agente externo às escolas. Reconheço na expectativa inicial das professoras, assim, a minha própria expectativa quando professora iniciante. Uma expectativa que se alimentava em uma ideia de currículo como programa ou lista de conteúdos predeterminados por outros, sem a participação do professor e das crianças. Isso me instigou a perguntar: que currículos os professores esperam encontrar na Educação Infantil? E mais, que currículos elas operam com as crianças? As imagens a seguir

funcionam como provocação a essa ideia tão presente em nossos imaginários docentes, especialmente quando professoras em início de carreira. Elas nos contam um pouco da produção curricular cotidiana, na Unidade Municipal de Educação Infantil Regina Leite Garcia que emerge das práticas, escolhas e composições cotidianas de professoras e crianças.

Imagem 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 2



Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens, mesmo sem legenda, já nos provocam a ampliar a concepção dos conhecimentos que se produzem nas práticas com a Educação Infantil e nos levam a considerar que os currículos não se restringem às práticas de escolarização convencionais. Uma brincadeira livre no pátio e a proposta de bolinha de sabão compõem de diversas formas aquilo que podemos chamar de currículo. Essas práticas, mesmo quando se repetem, nunca serão mera reprodução, pois cada situação, com cada turma, torna singular as composições possíveis que se dão na interação entre crianças, professoras, experiências e saberes.

Assim, compreendo ser necessário conversar com o que as interrogações das professoras nos permitem pensar e articular em torno das discussões sobre as especificidades da Educação Infantil e dessa produção curricular que se faz nos cotidianos. Sim, colegas professoras, precisamos conversar com os currículos que estamos produzindo na Educação Infantil e o que estamos produzindo com eles.

Referências:

ALVES, Nilda G.; SANTOS Joana R. Redes de conhecimentos e currículos: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes. *Espaço do Currículo*, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 372-392, set./dez. 2016.

MANTOVANI, Susanna. Da imagem à história: o livro na creche. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart e VITA, Anastásia de. (org.). *Ler com bebês: contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani*. Tradução de Fernanda Ortale *et al.* Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

Sobre a autora:

Luziane Patricio Siqueira Rodrigues – Professora da Rede Municipal de Educação de Niterói e doutoranda do PPGedu UERJ/FFP.